

# Volcker apóia política de

## Finanças

terça-feira, 17/9/85 □ 1º caderno □ 17

# Funaro contra inflação

**Silvio Ferraz**  
Correspondente

Washington — O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, na reunião que manteve ontem em Washington com o presidente do Federal Reserve (o banco central americano), Paul Volcker, pediu o apoio dos Estados Unidos para que o Governo brasileiro possa fazer uma política econômica de combate à inflação mas na qual não esteja contemplada nem de longe a recessão.

A reunião que deveria demorar 15 minutos durou uma hora e meia e Volcker disse a Funaro: pode incluir o meu nome no seu time econômico, pois vou trabalhar com muito afinco. A única exigência de Volcker, segundo relatou Funaro, foi a de que o Brasil não pedisse qualquer apoio americano que envolvesse aumento do orçamento dos Estados Unidos e que, tampouco, deixasse os bancos americanos em posição vulnerável.

Funaro afirmou que Volcker temia que lhe fosse proposto um Plano Marshall para a América Latina — nos moldes do que foi montado para reconstruir a Europa depois da II Guerra. “Tranquilizei-o dizendo que não era essa a minha intenção e que também o Brasil continuaria a honrar os seus compromissos externos”, disse Funaro.

— A única coisa que lhe disse com todas as letras — contou o Ministro — é que não estamos mais dispostos a promover uma recessão para ajustar a nossa economia. Fizemos isso durante quatro anos e a inflação está em mais de 200%. Funaro disse também que ele próprio fará uma batalha sem trégua contra a inflação, mas precisa ser deixado em paz com relação a certas exigências do Fundo Monetário Internacional. “É impossível, irrealista, achar que o Ministro da Fazenda ou quem quer que seja, possa cortar a despesa do Governo com o seu funcionalismo. O exemplo da greve dos bancários está aí mesmo: uma decisão da Justiça do Trabalho tem que ser respeitada”, declarou Funaro. Estas posições do Governo brasileiro serão colocadas hoje pela manhã na reunião que Funaro terá com o gerente geral do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière. “É preciso que não nos esqueçamos que o Brasil assinou sete cartas com o Fundo e não cumpriu nenhuma delas”, lembrou Funaro. E, explicou: “Ou o Fundo foi enganado ou foi cúmplice. Como acho que ele é formado por técnicos de primeira linha, que não se deixariam enganar, sou obrigado a ficar com a segunda hipótese”, afirmou.

A visita de Funaro aos Estados Unidos se resumirá nas conversas que está mantendo em Washington. “É melhor vir conversar enquanto não estamos com a corda no pescoço, que é o nosso caso agora”. O Ministro da Fazenda acredita que o Brasil possa chegar a um acordo com o Fundo até o final do ano, desde que não haja intransigência por parte do organismo. O Brasil teve uma recessão que jogou 450 mil operários nas ruas de São Paulo para não ter resultado algum. Isso não pode se repetir, afirmou Funaro.

O Ministro da Fazenda anunciou também que o Governo brasileiro não precisará de tomar novos empréstimos no sistema bancário internacional neste ano e talvez no próximo, mas é imprescindível que haja um diálogo com o Fundo e com os banqueiros para que sejam evitadas pressões sobre o Governo num momento político delicado. “O comandante da luta contra a inflação sou eu mesmo, com FMI ou sem FMI”, afirmou. “Afim, o povo brasileiro já está no seu limite de tolerância”. O Ministro da Fazenda, para ilustrar esta situação, disse que na última greve dos bancários conversou com um funcionário do Banco do Brasil que lhe disse: “Ministro, sei que a greve é ilegal, mas eu já perdi 45% do poder aquisitivo do meu salário no último ano. Assim não dá mais”.

Funaro revelou ainda que o ex-Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, saiu do Governo bastante abatido. No seu último dia, Dornelles disse a Funaro: Dilson, vou-me embora porque não aguento tanta traição. As pessoas combinam certas coisas, dizem que não vão gastar, e é só eu virar as costas para elas fazerem tudo ao contrário do acertado.

Na conversa de ontem com Funaro, Paul Volcker estranhou que agora haja uma unanimidade no Governo brasileiro de que é necessário realizar cortes no orçamento. Era isso que o Dornelles dizia e o Sayad não concordava, observou Volcker. Funaro lhe respondeu dizendo que desde a época de Dornelles havia concordância neste ponto, mas que o ex-Ministro, por divergências internas, deixou de ter condições para fazer os cortes.

O pano de fundo da visita de Funaro é a ampla exposição que fez a Volcker sobre o dilema brasileiro e as implicações para superá-lo. Com o apoio dos Estados Unidos no Fundo Monetário — através de seu diretor executivo — o Governo brasileiro acredita ser possível chegar a um acordo no qual as formas recessivas sejam definitivamente abolidas.